

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS
DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES
DE VIDA APOSTÓLICA

CONSAGRAÇÃO E SECULARIDADE

A REVOLUÇÃO DA *PROVIDA MATER ECCLESIA*

CARTA AOS BISPOS DA IGREJA CATÓLICA
SOBRE OS INSTITUTOS SEculares



A Provida Mater Ecclesia foi um gesto revolucionário na Igreja. Os Institutos Seculares são realmente um gesto de coragem que a Igreja fez naquele momento: dar estrutura, dar institucionalidade aos Institutos Seculares.

E daquele tempo até agora é tão grande o bem que vós fizestes na Igreja, com coragem, porque é preciso coragem para viver no mundo.

Tantos de vós sozinhos, alguns em pequenas comunidades. Todos os dias, levar a vida de uma pessoa que vive no mundo e, ao mesmo tempo, guardar a contemplação, esta dimensão contemplativa para com o Senhor e também em relação ao mundo, contemplar a realidade, como contemplar as belezas do mundo. E ainda os grandes pecados da sociedade, os desvios, todas essas coisas, e sempre em tensão espiritual...

Por isso a vossa vocação é fascinante, porque é uma vocação que está exatamente aí onde se decide a salvação não só das pessoas, mas também das instituições. E de tantas instituições leigas necessárias no mundo. Por isso, penso assim: que com a Provida Mater Ecclesia a Igreja fez um gesto verdadeiramente revolucionário!

PAPA FRANCISCO

Audiência aos participantes do encontro promovido
pela Conferência Italiana dos Institutos Seculares

10 de maio de 2014

Caríssimos irmãos no episcopado,

Estamos celebrando os setenta anos da promulgação da Constituição apostólica *Provida Mater Ecclesia* (2 de fevereiro de 1947) e do *Motu proprio Primo Feliciter* (12 de março de 1948), ocasião oportuna para agradecer o Senhor pelo dom dessa vocação na Igreja. Segundo essa especial vocação, mulheres e homens são chamados a viver com paixão os desafios do presente e a abraçar o futuro com esperança.

A identidade dos Institutos Seculares foi esclarecida gradualmente no tempo através do Magistério da Igreja com a *Provida Mater Ecclesia*, o *Primo Feliciter*, o Código de Direito Canônico, o Magistério pontifício desde Paulo VI ao Papa Francisco. Permanece com grande clareza e atualidade o Documento *Gli Istituti Secolari: la loro identità e la loro missione*, apresentado por este Dicastério à Congregação Plenária (3 a 6 de maio de 1983).

Igualmente importante é quanto os Institutos Seculares compreenderam de si mesmos através da vida das pessoas que encarnaram o seu carisma. Trata-se de um percurso complexo porque passa através dos modos concretos em que a secularidade consagrada soube interpretar o seu estar presente e, portanto, a sua missão no mundo e na Igreja. Uma caminhada que continua, porque está estreitamente ligada ao devir da Igreja e do mundo.

Apresentamos essa riqueza, objeto da nossa reflexão, para que seja compartilhada e se torne, com o vosso ministério de pastores, patrimônio de toda a comunidade crente.

1. Os Institutos Seculares

O mundo dos Institutos Seculares compreende Institutos leigos masculinos e femininos e Institutos clericais. A eles pertencem, desde as origens, leigos e presbíteros que escolheram consagrar-se na secularidade, intuindo a fecundidade de seguir Cristo através da profissão dos conselhos evangélicos no contexto histórico e social em que a condição de leigos e presbíteros os coloca.

No mistério da encarnação

Esta vocação encontra o seu fundamento no mistério da encarnação, que chama a permanecer naquela realidade social, profissional e eclesial na qual as pessoas vivem.

Para isso os membros dos Institutos Seculares leigos habitam lugares informais, espalhados pelo mundo, de modo que a boa notícia possa chegar aos recantos mais remotos, a cada estrutura, a toda realidade. Para isso, os membros dos Institutos Seculares clericais estão normalmente incardinados na própria Igreja particular, e vivem naquela porção do povo, com aquelas pessoas e nas situações reais daquela gente, para compartilhar tudo, sem distinções e sem distâncias.

Os Institutos Seculares são pouco conhecidos, muitas vezes ignorados e/ou confundidos com os Movimentos e as Associações nos quais, às vezes, existe a presença de grupos que apresentam o mesmo dinamismo, a saber: consagração a Deus para estar plenamente disponíveis à realização do ideal que querem propor e viver. Esses grupos eclesiais,

no entanto, se diferenciam dos Institutos Seculares porque dão vida a uma ação apostólica, pública e organizada, e têm sempre como perspectiva uma ação de conjunto que une padres e leigos, e leigos de todas as condições.

Síntese entre secularidade e consagração

A origem dos Institutos Seculares, que se torna ao mesmo tempo busca constante e finalidade de vida dos seus membros, é a síntese entre secularidade e consagração, duas faces da mesma realidade.

Certamente, como toda síntese, corre-se o risco de suprimir ou depreciar um termo em prejuízo do outro. Quando isso acontece, há uma perda de identidade e um empobrecimento da secularidade da própria Igreja, com o perigo de esta perder a perspectiva de uma relação positiva com o mundo.

É preciso, portanto, vigiar a fim de que, na formação e realização do carisma, os Institutos Seculares não descuidem nem da dimensão da consagração nem da dimensão da secularidade; do mesmo modo é preciso vigiar a fim de que não se exija dos membros dos Institutos Seculares uma presença, uma missão e uma modalidade de vida que não exprima a sua secularidade.

Multiplidade de formas

Diversas são as situações concretas nas quais os membros dos Institutos Seculares vivem, assim como são múltiplas aquelas que a obediência à vida requer.

A fidelidade ao mundo implica discernir a vontade de Deus nas exigências que nascem do contexto cultural, familiar, profissional e eclesial, e encontrar as modalidades para lhes dar uma resposta pessoal.

Para isso, há consagrados seculares que vivem sós ou em família; alguns Institutos, por carisma recebido do fundador e reconhecido pela Igreja, contemplam também grupos de vida fraterna, que variam em conformidade com o direito próprio, e/ou obras, a que os membros se dedicam em tempo mais ou menos integral. Em todos esses casos, para não trair a sua vocação, é necessário manter o estilo específico da secularidade, salvaguardando os compromissos consequentes na estrutura profissional, social, política, educativa e eclesial, mas também favorecendo a alternância na gestão das eventuais obras.

2. Consagração secular

A vida consagrada se exprime com a profissão dos conselhos evangélicos. O caminho dos conselhos evangélicos, de fato, destina-se a realizar essa forma de vida que leva a fazer do próprio ser e da própria identidade batismal uma oferta para o serviço e a honra de Deus. A Exortação apostólica *Vita consecrata* põe em evidência que ela é um dom de Deus¹ e encontra o seu fundamento evangélico na relação especial que Jesus estabeleceu na sua existência terrena com alguns dos seus discípulos, convidando-os não só a acolher o Reino de Deus na própria vida, mas também

¹ João Paulo II, Ex. ap. *Vita consecrata* (25 de março de 1996), 1.

a pôr a própria existência a serviço dessa causa, deixando tudo e imitando a sua forma de vida. Assumir tal forma de vida é possível apenas com base numa vocação específica e por força de um dom peculiar do Espírito. Esse *seguimento* especial de Cristo, em cuja origem está sempre a iniciativa do Pai, tem, portanto, uma conotação essencialmente cristológica e pneumatológica, exprimindo assim, de modo particularmente vivo, o *caráter trinitário* da vida cristã, pela qual antecipa, de algum modo, a realização escatológica para a qual toda a Igreja tende.²

A consagração secular é, portanto, uma forma de vida consagrada em sentido pleno e total. De modo algum é uma via média entre a consagração religiosa e a consagração batismal.

“*Coram ecclesia*”

A vida consagrada num Instituto Secular é essencialmente uma consagração a Deus não somente interna, mas também externa, *coram ecclesia*, numa instituição aprovada pela Igreja. Com a profissão dos conselhos evangélicos, vividos no dia a dia, os membros individuais colocam-se dentro da história como semente de novos horizontes e antecipação da comunhão entre Deus e o homem.

O pertencimento a um Instituto Secular, aprovado por um bispo ou pela Santa Sé, comporta uma escolha que envolve todas as dimensões da existência humana e que

² Ibid. 14.

dura por toda a vida, independentemente do tipo de incorporação definido nas constituições. É um compromisso a seguir Cristo, assumindo aquela proposta de vida que o Instituto prevê.

Exatamente porque não se trata de uma consagração individual, mas de uma vocação a compartilhar e encarnar um carisma reconhecido como bem eclesial, entre Instituto e membro individual se instaura uma relação fundamental. O Instituto é uma fraternidade que ajuda a sustentar a vocação dos membros, é um lugar de formação e de comunhão, é uma ajuda concreta para perseverar na sua vocação. Cada consagrado e consagrada, por sua vez, ao encarnar a *regra de vida*, exprime aquele dom vivo e vital que o Espírito fez à Igreja.

3. Secularidade consagrada

É à luz da revelação que o mundo aparece como *saeculum*. Na vida não existe um espaço do sagrado e um espaço do profano, um tempo para Deus e um tempo para as vicissitudes grandes e pequenas da história. O mundo e a história são história de salvação, para a qual os membros dos Institutos vivem como contemplativos no mundo, ao lado de cada homem, com simpatia e dentro de todo acontecimento, com a confiança e a esperança que derivam de uma relação básica com o Deus da história.

Por isso, permanecer no mundo é fruto de uma escolha, uma resposta a um chamado específico: é assumir essa dimensão do estar dentro, do estar ao lado, do olhar o mundo

como realidade teológica, na qual se entretecem dimensão histórica e dimensão escatológica.

Isso exige um notável desenvolvimento daquela qualidade humana, tão proclamada hoje, que é a capacidade de *com-participação*.

Viver dentro

Uma *com-participação* responsável e generosa, que poderemos definir, com uma expressão mais simples, como capacidade de viver dentro:

– dentro do coração: naquele mundo de afetos, de sentimentos, de emoções e de reações que se estabelecem nas redes das relações interpessoais e naquela convivência que forma o tecido da vida cotidiana;

– dentro da casa: conhecendo e sofrendo os problemas familiares, como os do nascimento e da morte, os da doença e do alojamento, os dos gastos, do condomínio;

– dentro das estruturas: na dificuldade das contradições, na tentação de ir contra a consciência, nas brigas das rivalidades;

– dentro das situações: no compromisso contínuo do discernimento, na perplexidade das escolhas às vezes marcadas pelo sofrimento;

– dentro da história: na aceitação de responsabilidade no âmbito social, econômico, político, na atenção aos sinais dos tempos, na partilha do risco comum, no árduo compromisso da esperança.